

POLÍTICAS DO CORPO NA MODERNIDADE LÍQUIDA: UM PERCURSO COM BAUMAN¹

Daniel Bardini Dürks², Sidinei Pithan Da Silva³.

¹ Esta pesquisa apresenta ideias que serão desenvolvidas na dissertação de mestrado (2014-2015).

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI; bolsista CNPq; daniel.durks@yahoo.com.br

³ Professor Doutor do Departamento de Humanidade e Educação; orientador; sidinei.pithan@unijui.edu.br

Introdução

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman cunhou a metáfora dos sólidos e dos líquidos para definir o processo de transição (ou descontinuidade) da modernidade (BAUMAN, 2001). Para o autor, ainda estamos na modernidade, no entanto, em um momento diferente, o qual as suas bases sólidas (políticas e existenciais) perdem força e são substituídas por dimensões mutáveis e líquidas, capazes de transformarem-se e adaptarem-se constantemente aos diferentes contextos contemporâneos.

Os inúmeros tópicos da sociedade e as condições organizacionais de nossas formas de viver são interpretados permanentemente na reflexão de Bauman, momento denominado como a fase mosaica do pensamento do autor (ALMEIDA; BRACHT; GOMES, 2009). Nesta fase, Bauman enfatiza, problematiza e interpreta as transformações e eventualidades sociais determinantes para impossibilitar a sedimentação de bases sólidas e “confiáveis”. Diante da pluralidade temática envolta em sua interpretação sobre estas transformações sociais, elencamos e delimitamos como chave de leitura a compreensão das políticas do corpo próprias da modernidade líquida, dialogando com algumas obras de Bauman que versam sobre o tema.

Portanto, este texto pretende, em um primeiro momento, apreender os objetivos sociais do advento da modernidade e os “sintomas” da noção de corpo projetado pelo poder estatal a ser solidificado no imaginário social. Em um segundo momento, dialogamos com a interpretação de Bauman referente às políticas do corpo emergentes no atual cenário líquido-moderno, tecendo breves reflexões e convergências com a (re) construção do conhecimento da Educação Física.

Metodologia

Trata-se de um texto com perspectiva crítico-hermenêutica que pretende compreender elementos categoriais no arcabouço teórico de Zygmunt Bauman. Para tanto, elegemos, neste momento, como chave de leitura a concepção de corpo presente nos escritos de Bauman, analisando algumas obras

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

que tratam especificamente sobre o tema. Portanto, não é nossa pretensão discutir a plural e vasta bibliografia do autor, muito menos esgotar a análise interpretativa de Bauman acerca do conceito de corpo, mas sim, relacionar pontualmente as políticas do corpo contemporâneas diagnosticadas pelo autor com a produção epistemológica da Educação Física.

Entre a saúde e a boa forma: “ordem” e “desordem” na concepção de corpo.

Dentre a multiplicidade de tarefas impossíveis que a modernidade se atribuiu e que fizeram dela o que é, sobressai a da ordem (mais precisamente e de forma mais importante, a da ordem como tarefa) como a menos possível das impossíveis e a menos disponível das indispensáveis – com efeito, como o arquétipo de todas as outras tarefas, uma tarefa que torna todas as demais meras metáforas de si mesmas (BAUMAN, 1999, p.12).

A caracterização da busca pela ordem como tarefa principal da modernidade sólida perpassa pela leitura de Bauman como um dos elementos primordiais para a compreensão de sua teoria social. A ordem como tarefa, empreende o desejo em manter o controle sobre tudo o que não seja linear a norma, ou seja, se caracteriza como uma “engenharia social” do Estado-Nação visando manter a sociedade limpa, pura, bela, organizada e guiada pela razão. A metáfora do “Estado Jardineiro” demonstra a deliberação em homogeneizar a sociedade, em que, o diferente era visto como anormal. Por conseguinte, a sociedade não deveria ser tomada por “ervas daninhas”, sendo que estas ou eram moldadas até atingir o nível de normalidade ou eram podadas e reprimidas, objetivando a manutenção da ordem e da norma pretendida pelo projeto social do Estado (BAUMAN, 1999).

A perspectiva da “jardinagem” na sociedade sólida-moderna é perceptível quando Bauman direciona seu olhar para debater sobre as políticas do corpo. O corpo era visto como um instrumento para manter o progresso social funcionando de maneira ordenada e segura, sendo essencial para potencializar a produção no chão da fábrica ou para a imposição da segurança na figura do soldado. Com isso, o conceito de saúde é chave para estabelecer a ordem entre o normal e o anormal. O indivíduo que estivesse apto para o trabalho e livre de doenças era considerado saudável e consequentemente normal. Ao corpo, neste contexto, restava ser compreendido como um objeto, necessitando ser observado, fragmentado e testado empiricamente pela ciência, possuindo valor meramente instrumental (BAUMAN, 2001, 2009, 2011). Outrossim, a ordem do corpo pautava-se pela segurança e conformidade social, com o coletivo precedendo as ambições individuais.

Com a transição do projeto social da modernidade sólida para a líquida, o poder e controle do Estado-Nação enfraquecem frente ao processo de globalização da economia e flexibilidade do capital. Neste momento, aquele cenário anteriormente pautado no modelo de produção industrial é substituído por um cenário em que o consumo predomina como “fim” principal a ser alcançado pelo indivíduo (BAUMAN, 2008). As políticas do corpo acompanham este novo modelo e, consequentemente, os conceitos relacionados com o corpo são modificados no imaginário social.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

Na modernidade líquida, para Bauman (2001, 2009, 2010, 2011) o elemento chave para definir o corpo não é mais o conceito de saúde, mas sim, o conceito de boa forma ou fitness. A ordem agora é contemplar a desordem. Para a boa forma não há uma norma ou limite a ser atingido, sempre é possível chegar mais longe, mesmo quando acreditamos ter alcançado o auge. Dentro desse quadro, o corpo passa a ter como alternativa a busca “pela sedução, por desejos sempre crescentes e quereres voláteis – não mais por regulação normativa” (BAUMAN, 2001, p. 90).

Vejamos que as políticas do corpo, como em outras políticas da vida, passaram da normatização para a desregulamentação. O contexto líquido-moderno do consumo se ampara nos quereres do corpo na busca das plurais sensações que lhe deem prazer e felicidade. O que é imposto como padrão, logo é substituído por algo mais interessante, novo e “necessário” para estar inserido na nova ordem social. A ambivalência, antes repelida pelo Estado-Nação na busca da normatização, agora é aceita pelos novos agentes reguladores (o Mercado) e até mesmo necessária para a permanente renovação dos prazeres corporais e individuais (BAUMAN, 2001, 2009, 2011). Portanto, a boa forma “não conhece limite superior; na verdade, ela é definida pela ausência de limites – mais especificamente, por sua inadmissibilidade” (BAUMAN, 2009, p. 122).

Mas de que maneira essa mudança de paradigma nas políticas do corpo influencia nos aspectos epistemológicos da Educação Física e na intervenção de seus profissionais na prática? Para Bracht (2011) o atual contexto representa a individualização e privatização das práticas corporais (cultura corporal de movimento). No entanto, essa individualização não representa “necessariamente maior autonomia dos sujeitos frente ao trato com a própria representação corporal, mas talvez apenas uma passagem para uma nova forma de controle (da repressão para a estimulação)” (BRACHT, 2011, p. 112). Na modernidade líquida, diferentemente da sólida em que o Estado-Nação atuava como ordenador hegemônico das políticas do corpo, diversos agentes concorrem por fatias do mercado, guiando, estimulando e seduzindo os consumidores a busca de quaisquer prazeres e sensações corporais (BRACHT, 2011). O Estado ainda atua no contexto das práticas corporais na sociedade líquido-moderna, porém sem a mesma força da modernidade sólida. Normalmente as políticas estatais fomentam projetos pautados na prática de atividades física em prol da saúde, muitas vezes amparado por programas esportivos ou em grupos considerados de risco, como no combate ao uso de drogas. Mesmo assim, o Estado, em grande medida, atende as regras do Mercado de consumo, fato diagnosticado com o patrocínio de megaeventos esportivos objetivando estimular a sua economia interna e atender as demandas de agências privadas responsáveis pelos direitos de organização dos eventos (BRACHT 2011).

Por outro lado, a mudança de paradigma frente às políticas do corpo gera o sentimento de crise identitária por parte de seus profissionais. Segundo Pithan da Silva (2012, p. 595) as funções sociais da Educação Física na modernidade sólida “[...] estavam claramente definidas, a partir do recorte biológico, privilegiando a adaptação/educação através da disciplina, do controle e da vigilância

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

(higienismo, militarismo, esportivismo)”. Já no contexto sólido-moderno, a partir da pluralidade do recorte da cultura corporal de movimento, abrem-se diversas possibilidades para compreender o corpo, “[...] mas ao mesmo tempo as formas e forças de dominação social (globalizadas, extraterritoriais) sobre ele não se dão mais de forma clara e administrada como fora na modernidade sólida, mas sim de forma caótica, desordenada e instável” (PITHAN da SILVA, 2012, p. 595).

Ou seja, a Educação Física, enquanto prática pedagógica (não pretendemos adentrar aqui no debate sobre a especificidade científica da área) necessita lidar com uma sociedade pautada no consumo e não mais na produção. Neste momento, é necessário aceitar a ambivalência sem incorrer no preceito de absolutizar uma norma (padrão) para a concepção corporal. Cabe à Educação Física interpretar as diferentes visões das “prateleiras dos mercados” sem render-se aos encantos de tornar-se uma mercadoria. Neste viés, é fundamental a leitura de Fensterseifer e Pithan da Silva (2008, p.57), na qual a Educação Física não deve “vender ilusões” aos sujeitos. O corpo na sociedade líquido-moderna se depara com quadros assustadores causados por “distúrbios como anorexia, bulimia, vigorexia, permarexia (obsessão por dieta), lipofobia (fobia a gordura), ortorexia (obsessão por alimentos saudáveis)”. Portanto, ao não “vender ilusões” o profissional/professor de Educação Física pode colaborar na educação corporal do sujeito, favorecendo não tanto à simples adesão, mas sim ao caráter reflexivo deste em relação às práticas corporais/exercícios físicos. Sobretudo, pode o educador, para além do instrutor, ajudar aos sujeitos a compreender melhor o mundo e a sociedade em que vivemos (FENSTERSEIFER; PITHAN da SILVA, 2008).

Porém, é fundamental observamos os dizeres de Bauman (1998, p. 17):

Cada um de nós, em nossas atividades diárias, e sem muito pensar a esse respeito, utiliza um número tremendo de produtos dessa pré-seleção e pré-interpretação, que se unem para o que Schütz chama de “fundo de conhecimento à mão”. Sem tal conhecimento, viver no mundo seria inconcebível. Nenhum de nós pode construir o mundo das significações e sentidos a partir do nada: cada um ingressa num mundo “pré-fabricado”, em que certas coisas são importantes e outras não o são; em que as conveniências estabelecidas trazem certas coisas para a luz e deixam outras na sombra.

Diante das transformações individuais, sociais, e epistemológicas imbricadas no conceito de corpo, é essencial reconhecer os aspectos histórico-culturais de nossa sociedade. A construção de conceitos básicos em cada área do saber, constituídos e elaborados através da ação intersubjetiva, demonstram a importância de constantemente incitar a reflexividade acerca do projeto educacional, desvelando as novas formas de regulação social, mas construindo bases comuns para que as novas gerações se apropriem e possam reconstruir as diferentes concepções de nossa sociedade e do conhecimento.

Considerações finais

Este percurso inicial com Bauman sobre o corpo permite diagnosticar e refletir sobre as diferentes formas de regulação enfrentadas, desdobrando alguns elementos de sua interpretação. O corpo na modernidade sólida era amplamente amparado pela racionalidade científica instrumental, predominando em seu núcleo os elementos constituintes da própria modernidade em sua fase inicial. Dentre eles: a ordem, o refugio ao diferente e qualquer tipo de ambivalência, ao positivismo, a normatização, ou seja, um período denominado como uma “sociedade de produtores” (BAUMAN, 2001, 2009, 2010, 2011). Enquanto isso, o corpo na modernidade líquida se ampara na lógica de uma “sociedade de consumidores”, por conseguinte, desordenado, incerto, relativizado e regulado pelo contexto mercantilista incessantemente mutável e adaptável aos interesses do capital. Acompanha, da mesma forma que em outras instâncias da vida, a descrença na racionalidade científica do projeto moderno.

De outra forma, a teoria baumaniana é interpretada por autores, entre os quais aqui supracitados Bracht e Pithan da Silva, para a especificidade de conhecimento da Educação Física. O exercício de reflexão dos autores sobre as convergências do universo da teoria da modernidade líquida, para o pensamento relacionado ao subuniverso da Educação Física, permite, compreender neste momento da pesquisa, a descontinuidade da identidade epistemológica da Educação Física com a racionalidade instrumental própria da fase sólida da modernidade. A crise da Educação Física é a advinda da própria crise da modernidade e de seu pensamento científico tradicional (FENSTERSEIFER, 2001).

Após este breve percurso guiado pela leitura de Bauman sobre o corpo, o desafio que vem a seguir é aprofundar a reflexão sobre a educação na sociedade líquido-moderna. Percebemos que a leitura de Bauman engloba aspectos políticos, sociais, culturais e epistêmicos essenciais para a compreensão de elementos categoriais que nos façam refletir sobre os princípios de um projeto de educação republicana, democrática e humanista. Da mesma forma, nos fornece “rastros” para pensar o “lugar” da Educação Física na escola, exercitando a reflexividade para como nos dizeres de Fensterseifer (2012, p. 327) “[...] reconhecer suas especificidades no “mundo”, na produção do conhecimento, nas práticas pedagógicas”.

Palavras-chave: Modernidade; Educação; Educação Física.

Agradecimentos: Agradecemos ao apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, F. Q.; BRACHT, V.; GOMES, I. M. Bauman e a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

- BAUMAN, Z. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. Modernidade e Ambivalência. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. Vida para Consumo. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. Vida Líquida. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____; MAY, T. Aprendendo a pensar com a sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- _____. Vida em Fragmentos: sobre a ética pós-moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BRACHT, V. A Educação Física brasileira e a crise da década de 1980: entre a solidez e a liquidez. In: MEDINA, J. P. A Educação Física cuida do corpo... e "mente". 26. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011. p. 99-116.
- FENSTERSEIFER, P. E. A Educação Física na Crise da Modernidade. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.
- _____. O que significa aprender no âmbito da Cultura Corporal de Movimento? Atos de pesquisa em Educação (FURB), v. 7, n. 2, p. 320-328, mai./ago. 2012.
- FENSTERSEIFER, P. E.; PITHAN da SILVA, S. Qualidade de vida e Educação Física: conhecimento e intervenção crítica na sociedade de consumo. Caderno de Educação Física (Unioeste), v. 7, n. 12, p. 55-58, 2008.
- PITHAN da SILVA, S. A Educação Física entre o projeto social da modernidade sólida e o projeto social da modernidade líquida. Educação (Santa Maria), v. 37, n. 3, p. 585-598, set./dez. 2012.